ANNO 4.º — Sexta-feira, 7 de Julho de 1911 — NUMERO 177

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSIGNATURAS (pagamento adiantado)

Anno (Portugal e colonias) . . . . . . 1$200 réis
Semestre . . . . 600 réis
Brazil (anno) moeda forte . . . . . . 2$500 réis
Avulso . . . . 20 réis
REDACÇÃO E ADMINISTRACÇÃO, R. Direita, n.º 108

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO
—(*)—
Propriedade da Empreza do DEMOCRATA
Officina de composição, Rua Direita—Impresso na typographia de José da Silva, Largo do Espirito Santo

ANNUNCIOS

Por linha. . . . . 40 réis
Communicados . . . . 20 réis
Annuncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondencia relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

Abaixo os traidores!

E' este o nosso grito; grito de revolta contra os inimigos da Patria, grito de protesto contra os que d'ella se afastam formando "complots,, para derrubar o regimen.

Cidadãos: ás armas, ás armas pela Republica!

A Republica e o commercio

Logo que a Republica se implantou, implantou-se tambem em todo o paiz a mais absoluta confiança no futuro, renascendo por toda a parte a esperança, ha muito perdida, de que Portugal poderia ainda, e em prazo mais curto do que se suppunha, vir a ser um florescente paiz, desalgemado emfim da miseria a que o acorrentára a administração monarchica e que promettia, pelo caminho que levava, despenhal-o em pouco tempo no abysmo de uma intervenção estrangeira na sua administração interna.

A pouco e pouco, porém, essa nascente confiança foi substituida por novo sobresalto, o commercio paralysa, a industria diminue a sua producção, o capital retrai-se e toda a actividade nacional suporta como que um pezo enorme que emperra a acção, que lhe enerva os movimentos, que a abafa sob uma atmosphera de suspeita e de receio que prejudica o paiz inteiro.

O que ha? O que se passa então que a magnifica derrota encetada pela Republica para horisontes mais claros e mais amplos, por caminho mais plano e menos tortuoso, se entenebrece de repente e ficam todos como sob a ameaça atteradora de proxima tempestade?

O que ha é simples.

São os antigos reptis da monarchia que em convulsões de agonia, fazem subir ainda á tôna da agua limpida em que ora navega o barco da Republica e que cobriu o pantano onde vegetavam as asquerosas podridões d'esse regimen, a lama nogenta em que se afundaram para sempre.

São os galerianos da extincta realeza que, escabujando no atoleiro dos seus crimes, na ancia de quebrar a corrente que os amarrou ás suas ignominias, levantam o pó que momentaneamente empana o horizonte desanuviado da Republica.

São, emfim, as insaciaveis aves de rapina que ha oitenta annos tinham feito o ninho na sombra dos cofres publicos, que iam commodamente exaurindo e que agora esvoaçam sobre a antiga presa na espectativa de um momento de descuido quelhes permitta cahiremlhes novamente em cima para continuarem impunemente, na commoda indolencia dos mandriões a devorar-lhe as entranhas, que, como os figados de Prometheu, devorados pela aguia do Caucaso, crescem constantemente á custa do suor do povo, sustentando-se a si, aos filhos, aos afilhados, aos amigos, aos creados, a toda a tropa fandanga que lhe aprazia sustentar... á custa dos outros.

Ora é apenas o crucitar d'esses velhos corvos, augmentado pelo echo que os quebradas das campos repetem, é a sombra agoirenta desmedidamente augmentada na sua projecção sobre a terra, que tanto vem assustando o povo, o paiz, quando se lhe reduzirmos as dimensões assim exageradas, vemos que a envergadura do que nos parecia azas de aguia, não passa de um impertinente milhafre e o quê se nos afigurava a voz rouca de algum condor gigantesco, não é mais do que o grasnar de medroso côrvo, que julga intimidar apenas com a gralhada.

Receios?

Não são dignos de tal importancia os rapinantes noturnos que assaltam pela calada da noite as granjas e os pomares e fogem ao mais leve estalido de um ramo sob o peso dos proprios frutos ou ao esvoaçar d'algum morcêgo.

Para estes, a ratoeira que os crava pelas canellas ou a caçadeira que lhes criva os lombos, são bastantes.

Ora, esse bando de salteadores noturnos, quadrilha de que na fronteira se entretem a ameaçarnos a propriedade, bando de mercenarios de varias nacionalidades que um traîdor assoldadou com dinheiro que lhe não pertence, porque á custa da propria bolsa não era certamente tão prodigo, não merece outras honras: a bala que despede n'um combate leal, a carabina de um heroe que defende um posto de honra, deve sentir asco e contrair-se-lhe de nôjo a estructura de metal ao penetrar o corpo do bandido que assalaría estrangeiros para assaltar a propria Patria!

Receio, pois, de quê?

Ao trabalho, cidadãos, que a malta só ataca pelas costas e ha bons e bravos soldados que não sabem o que seja voltal-as ao perigo, se perigo existe.

Nunca uma causa má pôde ter bôa defeza.

A capa de patriotismo com que procuram cobrir-se os traidores que na fronteira hespanhola pretendem restabelecer o deposto regimen, é um torpe embuste: não vem salvar o paiz d'um abysmo—beira de que não está—como affirmam. Do abysmo o salvou a Republica.

Pretendem vir continuar o regabofe dos adeantamentos, dos desfalques, das concussões, das galopinagens, dos seus interesses pessoaes á custa da nação, interesses que a Republica feriu arrancando-lhes as mãos permanentemente introduzidos nos cofres do Estado.

O perigo é mais imaginario que real.

Ao trabalho, pois, cidadãos. E se o perigo se aproximar, então sim pegai na vossa caçadeira e varejai como varejarieis um lobo que vos entrasse no rebanho, a horda de flibusteiros que vos rouba a tranquilidade e a segurança da vossa familia e dos vossos haveres.

Humberto Beça

D. Maria Pia

Annunciou o telegrapho a morte d'esta senhora em Stupinigi, Italia, ás 3 horas e 15 minutos da tarde do dia 5.

Foi rainha de Portugal por ter sido casada com o Rei D. Luiz I, já fallecido tambem, tendo partido para o estrangeiro apoz a revolução de outubro que implantou a Republica.

O governo enviou pezames á legação de Italia.

O Democrata—vende-se em Aveiro, no kiosque da Praça Luiz Cypriano.

BATALHÃO DE VOLUNTARIOS

No passado domingo teve o seu primeiro exercicio o batalhão de voluntarios aveirenses, na totalidade de 150 homens.

Apezar da hora matutina, 5 da manhã, ninguem faltou, apresentando-se tambem no quartel o sr. Governador Civil, que produziu uma bella allocução patriotica aos que, presentindo a Patria e a Republica em perigo, espontanea e livremente vinham offerecer por ellas, quanto um homem mais póde dar: a sua vida.

Registamos o facto com desvanecido orgulho e felicitamos todos quantos tão patriotica e alevantadamente se foram inscrever para organisar o batalhão, demonstrando que aqui, como em toda a parte, n'este torrão querido, que é a nossa adorada Patria, bate e pulsa o coração portuguez, animado pelo mesmo amôr e pelo mesmo enthusiasmo em defeza da Republica!

Honra tal deliberação os filhos d'esta bella cidade e é tal o seu desejo para concluir a sua educação militar que em em tres ou quatro lições ficaram conhecendo o bastante para já se exercitarem no manejo da arma.

Do arsenal vieram 360 espingardas Mauser, destinadas ao batalhão, tornando-se preciso que o numero d'inscriptos augmente, para que todas ellas tenham applicação e serviço.

Aveirenses: A's armas pela Patria!—A's armas pela Republica!

Decisão

N'este jornal, que dura ha quatro annos, tem mostrado por mais d'uma vez, quem n'elle escreve, o seu entranhado amor á Patria e á Republica por cujo estabelecimento em Portugal pugnou, sem brilho, é certo, mas com denodo e vehemencia, sem tergiversações ou desfalecimentos, arrostando com os odios das camarilhas monarchicas, os insultos dos chacaes e, por vezes, com as perseguições traiçoeiras dos inimigos, que nem assim lograram vencer-nos ou, sequer, alterar o programma traçado no primeiro numero e que, com orgulho, temos mantido até ao presente.

Desde que assim é e havendo na actual conjunctura quem tente invadir como traidor, o solo da Patria acompanhado de bandoleiros e gente assalariada no estrangeiro para eliminar a Republica e de novo se apossar das arcas do thesouro, que a monarchia poz a saque, um dever se nos afigura que temos a cumprir como cidadãos portuguezes: é repellir a affronta d'outra maneira, isto é, sem balas de papel. Portanto no dia em que julgarmos necessario, o *Democrata* emudece, partiremos a nossa penna, não como desertores do campo onde temos batalhado, mas para occuparmos nova posição entre aquelles que decedidos se encontrem a dar o ultimo dos sacrificios pela integridade da Patria e pela sustentação do regimen implantado em 5 d'outubro pelo povo, pelo exercito e pela marinha.

São estes os nossos propositos, não havendo nada que nos detenha em face d'aquillo que reputamos um dever.

Marchar, pois.

E dispostos como estamos a ir para onde preciso fôr, iremos sem hesitações, que com esta formal declaração jámais poderão existir.

DOIS "PATRIOTAS,,

Na hora do perigo é que se conhecem os heroes, dizem, assim como é tambem n'essa hora que se assignala a cobardia. Ora como ninguem ignora o que se está passando no paiz, o movimento de tropas que se tem dado para reprimir qualquer tentativa revolucionaria dos conspiradores monarchicos, e a effervescencia e o enthusiasmo que vae em todos os quarteis motivado pelo desejo ardente dos militares em defender a Patria e a Republica, um facto desejamos destacar aqui, embora com magua, mas que tem de ser por um sentimento de justiça que nas columnas d'este jornal a todos é costume fazer.

Referimo-nos á remissão do soldado de infanteria 24, **Manuel Firmino de Almeida Maia,** apenas soube que iam ser chamadas as reservas ao serviço activo, o mesmo que *por motivos particulares desistiu da carreira ecclesiastica e se viu forçado a acceitar a farda militar* **com que se honrava** e á parte de doente apresentada pelo tenente do mesmo regimento **Herculano José de Mattos** no dia em que, com insistencia, correu ter sido mandado apromptar para seguir para o norte o corpo a que pertence.

Este official, vem agora a proposito a revelação, foi aquelle que não tendo coragem de se apresentar de cara descoberta, se acobertou com o nome, sómente, da sua profissão para figurar ao lado dos subscriptores que contribuiram para o **fundo de propaganda,** especie de caixa de soccorros creada pelo bandido Homem Christo e outros bandidos como elle, e com o qual se pretendia assegurar a existencia do *Pulha d'Aveiro*, repositorio das mais baixas e sujas campanhas que na imprensa se teem feito contra republicanos.

E' escusado commentar o procedimento d'essas creaturas n'este momento em que a Patria exige o sacrificio de todos.

E' escusado. Deixamos isso á opinião publica que o saberá melhor julgar do que nós, e aos collegas que com tanto brio teem sabido honrar a sua farda.

A CONSPIRAÇÃO

A Republica em vez de correr perigo, consolida-se —O exercito contra os "paivantes,,—A chamada das reservas—Passagem de tropas para o norte — Confraternisando — Prisões em Aveiro—Notas e impressões

Não podemos deixar de affirmar que a Republica deve aos conspiradores, um grande, um impagavel serviço. Ninguem como elles ainda mais fez vibrar a alma nacional, são elles que fizeram desapparecer as dissenções que poderiam existir entre a grande familia republicana; são elles ainda que provocaram com o exercito de marcenarios gallegos, a indignação dos mais indifferentes dos combatentes e dos menos exaltados dos patriotas; a elles finalmente, nós devemos a apotheose unica e collossal ao novo regimen, que estamos presenceando no paiz inteiro, com a convocação dos reservistas.

Que exemplos de civismo nos mostra mais uma vez este bello povo portuguez, levantando-se como um só homem, fremente de desespero perante a mais infame das traições e perante esses degenerados lacaios do jesuitismo, reunindo-se com o mais vivo enthusiasmo em volta d'essa bandeira vermelha e verde que, hoje mais do que nunca, symbolisa a suprema esperança na independencia da Patria!

Podiam os reservistas não obedecer ao appello do governo; podiam esses rudes homens do campo revoltar-se contra uma ordem que os ia affastar por tempo indeterminado dos seus entes estremecidos e a Republica ver-se-hia embaraçada e esse Ideal, que com tanto amor acalentamos, soffreria uma brecha talvez irreparavel. Mas não: vieram todos e vieram mais ainda, porque tambem se apresentaram, promptos a sacrificarem-se pelas intituições e solicitarem um logar nas fileiras dos mais avançados combatentes, muitos e muitos dos que não tinham sido chamados.

Como tudo isto é bello, como tudo isto é sublime!...

Até o povo de Aveiro, que nós d'este mesmo logar, accusámos de pouco propenso a manifestações de civismo, despertou da sua indifferença e já tambem tem o seu batalhão de voluntarios, constituido por dezenas e dezenas de rapazes, dedicados até ao sacrificio pela defeza do regimen e pela defeza sacrosanta da Patria. E com que enthusiasmo elles correm presurosos, todos os dias, á parada do quartel de Sá, procurando no manêjo das armas o meio mais efficaz de serem prestaveis ao seu paiz!... Assombra os proprios officiaes do regimento, o adeantamento da sua instrucção, não se sabendo que mais se deva admirar, se a boa vontade e inexcedivel competencia do seu instructor, o sr. alferes Leite, se a muita dedicação e superior patriotismo d'esses jovens soldados da Republica.

E quando a cidade assim se manifesta, que diremos das povoações do districto representadas por centenas de reservistas convocados para o serviço?

Nós poderiamos descrever, scenas reveladoras do mais sincero amor pela causa que defendemos, e os nossos leitores sentir-se-hiam commovidos perante os mais patrioticos offerecimentos de soldados da 2.ª reserva, de outros com licença da junta e até de um soldado reformado que dos lados de Oliveira d'Azemeis veio acompanhando os reservistas da sua terra, e pediu, quasi que chorando, ao illustre commandante do regimento, sr. coronel Sarsfield, para que o incluisse no numero dos seus subordinados ao mesmo tempo que affirmava com a mais commovedora simplicidade que, se em tempos, o seu pouco vigor physico o impossibilitara do serviço militar, agora se sentia forte e robusto para combater os inimigos da sua querida Patria! Sim, teriamos muito que dizer, mas falta-nos o espaço e tempo; no entanto não podemos deixar de nos referir a um facto que revella o estado de espirito do nosso regimento: dois officiaes e um sargento do 24 que se achavam no goso de licença da junta, e portanto dispensados do serviço por motivo de doença, apresentam-se expontaneamente no seu quartel promptos

a marcharem com o seu regimento. Foram elles os srs. major David da Rocha, alferes Gaspar Ignacio Ferreira e o 2.º sargento Manuel Antonio da Silva Pereira. Estes nomes aqui ficam nas columnas do nosso jornal e com elles a homenagem singela da nossa sincera admiração por tanta abenegação e por tanto patriotismo.

OS CONSPIRANTES D'AVEIRO

De ha muito que ao conhecimento da auctoridade havia chegado a denuncia de que conhecidos *thalassas* e *prediaes*, na sua maioria socios do extincto *Centro do Corno e da Ferradura* onde pontificava o celebre *Capirote*, das Arnellas, expulso do exercito por incapacidade moral, se reuniam amiudadas vezes em conciliabulo secreto para tratarem de assumptos respeitantes ás manobras do traidor Paiva Couceiro, chegando-se até a apontar determinado sitio onde seria provavel o encontro de armamento e utensilios de guerra, vindos de fóra.

N'esta conformidade e seguros da veracidade de tudo ou parte do que se dizia, os carbonarios e a policia, mas os primeiros principalmente, pozeram-se em campo conseguindo a breve trecho capturar, como cumplices provaveis da conspiração urdida em Hespanha contra a Patria e a Republica, os seguintes cavalheiros:

José Marques Rosa, secretario particular do pasquineiro Homem Christo; **Manuel d'Oliveira,** antigo creado do *Club Mario Duarte*; **José Rodrigues Branco,** empregado da administração do concelho; **Jayme Duarte Silva,** o *Mijareta*, advogado; **Ricardo Pereira Campos,** alcunhado pelo Christo de *tinhoso*, commerciante; **Domingos Pereira Campos,** industrial; **João Luiz Flamengo,** escrivão; **Firmino Fernandes,** marceneiro; **Innocencio Fernandes Rangel,** o *Bella*, advogado; **Eduardo Barbosa,** canteiro; **Joanna do Roque,** mulher de recados; **Augusta Campos Ferreira,** domestica; **Valentim Pedrosa,** negociante; **Albino Pinto de Miranda,** idem e **João José Trindade,** industrial.

Todos estes presos acham-se incommunicaveis no edificio do convento das Carmelitas, onde faz guarda uma força de sargento, sendo a alguns aprehendidas pistolas automaticas Browning's com que andavam munidos.

Buscas e pesquizas—No fundo d'um poço—Apparecimento d'uma caixa de pistolas e balas

Após as prisões foram ordenadas pela auctoridade buscas minuciosas em differentes casas, as quaes teem dado maravilhoso resultado, pois além da grande quantidade de correspondencia apprehendida e que mais ou menos se relaciona com os trabalhos da conspiração, ha uma caixa de mogno pertencente ao detido Firmino Fernandes, encontrada no poço da casa da habitação da companheira de presidio Augusta Candida Ferreira, que continha 4 pistolas e approximadamente 200 cargas, segunda foi verificado no commissariado de policia.

Este preciosa achado produziu a maior sensação na cidade presumindo toda a gente haver mais armamento escondido.

As pesquizas e investigações continuam devendo prolongar-se por bastante tempo devido ás ramificações do *complot*.

Um "scroc,, conspirador

Desde quinta-feira da semana passada que se acha tambem preso por ter sido apanhado a aliciar gente, em Anadia, para as fileiras dos traidores, o conhecido *scroc* Campos Ferreira, que em Lisboa se tornou celebre pelos seus discursos na *Liga Azul*, ou coisa parecida, e sobre tudo pela notoriedade que lhe deu uma sova applicada pelos redactores do *Mundo* quando se atreveu a subir as escadas d'aquelle jornal para explicações.

Campos Ferreira mostra-se succumbido chorando a sua desdita por se vêr sem dinheiro. Foram-lhe apprehendidos alguns folhetos contendo discursos da sua lavra e umas pequenas medalhas das que as beatas costumam trazer ao pescoço. Tendo solicitado licença para escrever uma carta ao juiz Antonio Emilio, ex-irmão *Hoche*, a pedir-lhe dinheiro, foi-lhe concedida, pelo que recebeu d'este a quantia de 1$500 réis.

Passa os dias deitado na cama, a lêr, por não ter fato nem calçado em termos.

Para o norte

A' passagem dos contingentes militares que no domingo e segunda-feira seguiram pela via ferrea com destino á fronteira, houve na *gare* calarosas manifestações ao exercito portuguez tendo sido abertas *quêtes* cujo producto foi entregue aos respectivos commandantes para distribuir pelas praças.

O enthusiasmo não podia ser maior tanto da parte dos camaradas do 24 como do povo que se juntou.

Reforço de tropas

Em comboio especial chegaram hontem de manhã a Aveiro perto de 600 praças de Caçadores 2 e Infanteria 2 de Lisboa, que veem reforçar o regimento de infanteria 24 prompto a marchar para o norte á primeira voz.

Os seus camaradas prepararam-lhe condigna recepção a que se associou o Batalhão de Voluntarios e grande concurso de povo que acclamou o exercito, a Patria e a Republica no precurso da estação até ao quartel.

A' chegada do comboio foram lançadas ao ar girandolas de foguetes rompendo a banda com a *Portugueza* no meio de extraordinarias ovações.

Este contingente ficou todo alojado em Sá.

No *Centro Escolar Republicano d'Aveiro* deixaram hontem os reservistas de Caçadores 2 e Infanteria 2, o seguinte cartão:

Ao Centro Republicano d'Aveiro

Os cidadãos reservistas republicanos dos regimentos de Caçadores 2 e Infanteria 2 cumprimentam todos os socios d'este Centro e o povo republicano da leal cidade d'Aveiro.

(aa)—Por Caçadores 2: *Armando Cruz Azevedo, Carlos Alberto S. Lobo, Antonio do Nascimento, Manuel Rodrigues de Carvalho, Antonio Magalhães, Antonio Vaz, Antonio Ramalho, Alfredo Gonçalves.*

Por Infanteria 2: *Bernardo José Vaz, Calixto dos Reis Esteves, José Lourenço, Antonio Madeira, Arthur dos Santos, Alberto Gonçalves, José Soares, Manuel Netto, José Ferreira, Alfredo Vaz, José Antonio, Antonio Fernandes, Luiz Ferreira, Manuel Antonio, Luiz Fernandes.*

Manifestos

Foi apprehendido no Porto um manifesto da lavra do scelerado Homem Chisto, sendo presos alguns individuos, entre elles o coproprietario da typographia Catholica onde parece terem sido impressos.

Segundo consta, Marques Rosa e outros companheiros que como elle se acham presos nesta cidade, sabem a quem foi enviado o original, quem o compoz e quem o imprimiu.

Estamos convictos de que, breve, tudo se esclarecerá.

Imponentissima manifestação

Cêrca do meio dia foi recebida no quartel ordem para cessar a prevenção para a marcha, que com tanto enthusiasmo havia sido recebida na vespera pela nossa guarnição.

Tal disposição contrariou todos os officiaes e soldados. Pouco depois, reunida a officialidade, com o seu commandante á frente, acompanhada pela banda e por todo o regimento na força de 1.300 homens, ao qual se juntaram os officiaes e soldados de cavallaria, dirigiram-se ao governo civil, acompanhados de muitos populares, que se lhe aggregaram e empunhando centenas de bandeiras com as côres nacionaes, ali foram n'um côro unico, formidavel e extraordinario, como tinha succedido durante o transito, erguer vivas á Republica, á Patria, ao Governo, ao Commandante militar, governador civil, exercito e armada, com morras aos traidores, morras repetidos por todas aquellas boccas, que similhavam a cratera d'um vulcão mostrando lava!

Verdadeiramente assombroso!

Fallaram da espaçosa varanda do edificio do governo civil, o sr. coronel Sarsfield, declarando que vinha ali com os seus officiaes e soldados, pedir ao sr. dr. Rodrigo Rodrigues que transmittisse ao governo a vontade inabalavel em que todo o regimento estava de ir fosse para onde fosse, cheio de fé e de amor pela Patria e pela Republica, defendel-as dos seus inimigos, pois com a gente que o acompanhava não tinha o menor receio de partir para onde quer que o mandassem.

A banda toca a *Portugueza* e de novo atroam os ares formidaveis vivas erguidos por centenas de peitos, frementes d'amor patrio.

Segue-se-lhe no uso da palavra o illustre governador civil, que, como sempre, n'uma curta allocução aos soldados, fremente de sinceridade e d'amor palpitante pela Patria e pela Republica, os sauda pela sua nobre attitude. S. ex.ª produz um enthusiasmo louco em toda a numerosa assistencia, que o interrompe e cobre com freneticos applausos as suas palavras.

Falla depois o sr. capellão do regimento, que vibra d'enthusiasmo e calor. As suas patrioticas e alevantadas palavras são escutadas entre palmas e vivas que não cessam.

Pouco depois toda aquella multidão se retira cheia de vivo enthusiasmo, dirigindo-se ao quartel, acompanhada por muitos populares, que não deixam o regimento.

Foi devéras grandiosa, empolgante, gigantesca, esta manifestação ao governo da Republica Portugueza, que assim se vae consolidando.

* * *

Apoz a retirada dos manifestantes, o sr. dr. Rodrigo Rodrigues fez transmittir para a capital os telegrammas que seguem:

Ex.mo Presidente do Governo da Republica—Lisboa.

O regimento do 24 com todas as praças e officiaes, esquadrão de cavallaria e grande numero de cidadãos acabam de vir a este Governo civil saudar a Republica na pessoa do seu representante, pedindo para lhe ser communicado que desejam ser mandados cumprir o seu brioso dever onde quer que a defeza da Patria e da Republica o exijam.

São estas as palavras do illustre commandante, coronel Sarsfield, ditadas perante todos os seus subordinados e acclamadas n'um delirio, que só o sincero e cego amor da Patria ditam.

Sinto-me orgulhoso, como portuguez e republicano, de transmittir a v. ex.ª estes sentimentos e saudações.

Rodrigues
Governador Civil.

Ex.mo Ministro da Guerra

O regimento do 24 com o seu commandante, officialidade e praças além de todos os soldados e officiaes do esquadrão, de cavallaria vieram, n'uma manifestação commovente de calor e sinceridade, saudar o Governo na pessoa do seu representante e especialmente pedir-me para expôr a v. ex.ª o desejo de seguir, sem demora, onde seja preciso o seu esforço em defeza da Patria e da Republica, obedecendo apenas no seu espirito disciplinado á contra ordem recebida para não marcharem ámanhã. Sinceramente me orgulho de transmittir a v. ex.ª este pedido.

(a) Rodrigo Rodrigues
Governador Civil.

Louvavel acção

Na agencia dos *Grandes Armazens do Chiado*, sita aos Arcos, foi afixado o seguinte telegramma:

Grandes Armazens do Chiado
Aveiro

Queira fazer sciente immediatamente a todo o pessoal d'essa agencia, auctoridades civis, militares e imprensa d'essa localidade, d'este nosso telegramma, affixando-o depois em uma das montras d'essa agencia em logar onde melhor possa ser lido pelo grande publico, para que todos patrioticamente sigam a nossa inniciativa pela Patria e pela Republica.

Os Grandes Armazens do Chiado acabam de deliberar a conservação dos logares a todo o seu pessoal commercial e fabril, masculino e feminino, que tenha de pegar em armas, estipulando os seguintes vencimentos aos reservistas convocados para as fileiras do exercito: aos que não tenham encargo de famila, um terço do ordenado; aos que sejam amparo de familia, dois terços do ordenado. Aos voluntarios: sem encargo de familia, metade do ordenado; aos que sejam amparo de familia, ordenado por inteiro.

Ordem do exercito

—A ultima ordem do exercito traz a nomeação dos officiaes para as novas unidades em harmonia com o decreto que reorganisou as forças militares. Colloca no regimento de cavallaria 8, que vae ter a sua séde n'esta cidade, os srs. capitães Carlos Gonçalves Guimarães e barão do Cadoro. Nomeia ajudante d'infanteria 24 o sr. capitão Queimada, e ajudante respectivamente do primeiro, segundo batalhões o sr. Matheus, Gamellas e alferes Leite. Nomeia commandante do regimento de reserva o sr. tenente-coronel Saldanha e ajudante o sr. tenente Machado, e colloca no districto de recrutamento, como sub-chefe, o sr. major do quadro da reserva Adolpho Butler.

—Por ordem da Secretaria da Guerra foi mandado fazer serviço no regimento d'infanteria n.º 8 em Braga, o sr. capitão Manuel Ferreira Viegas Junior, que já para ali partiu.

Imprensa

Suspendeu a publicação o nosso intemerato collega do Porto, *A Patria*, que no entanto promette reapparecer breve.

Oxalá.

= A *Independencia d'Agueda* surgiu agora inteiramente melhorada na parte material, o que denota prosperidades e dedicação por parte dos seus redactores.

Estimamos.

=Voltou a sahir, em Leiria, bastante modificado, *O Radical*, semanario dirigido pelo deputado, Ribeiro de Carvalho.

=Pelos seus anniversarios felicitamos os nossos collegas *A Defeza*, de Coimbra, e *Povo do Norte*, de Villa Real, com cuja camaradagem nos honramos, pedindo-lhes desculpa de ha mais tempo o não termos feito.

=Sahiu o n.º 27 do *Archivo Democratico*, que sob a direcção do sr. Thomaz da Fonseca se publica em Lisboa.

Traz uma bella photographia do engenheiro Antonio Maria da Silva, uma das figuras de maior destaque no movimento de 5 d'outubro e insere collaboração de Magalhães Lima, Guerra Junqueiro, Virgilio de Sá, Martins Monteiro e Fernandes d'Oliveira.

Para o proximo n.º promette o *Archivo Democratico* o retrato de Innocencio Camacho com biographia traçada pelo deputado Ribeiro de Carvalho.

O SR. DR. LIMA

Em mais um dos seus artigos insertos no diario *O Porto*, um manancial que dá a s. ex.ª o melhor de 15$000 réis por mez, ou sejam 180$ réis annuaes, tal é a importancia por que aquelle jornal paga a collaboração do sr. doutor, escreve elle o seguinte, com o mais absoluto desconhecimento de que na sua propria pessoa, a dentro da sua orientação politica, teem essas palavras o melhor reflexo:

«Pagam-se sempre caros os aggravos feitos á liberdade dos homens. Aggravos da liberdade politica, aggravos da liberdade individual, aggravos da liberdade economica, toda a coação e exigencia que não são apenas a confirmação de impulsos da consciencia, a expressão na lei dos deveres a que previamente e voluntariamente nos sujeitamos por obediencia a instigações moraes intimas, pagam-se caros. Pagam-se em assasinios, em maldições, em revoltas, em desolação, em desordem, na anniquilação das riquezas e no despovoamento dos campos, na degradação e na miseria; pagam-se por muitos modos, mas pagam-se sempre, nas cousas grandes como nas cousas minimas, na vida de homem a homem como na vida de nação para nação. Pagam-se conforme o logar e a natureza da offensa, mas nunca perdoam; invariavelmente, tarde ou cedo, nos exigem contas rigorosas e dolorosas.»

Para quem foi e é representante da seita franquista identificado com aquelles, especialmente com o seu homonimo que tanto mal tem feito aos homens e aos interesses d'esta terra, bem merece que se registem estas palavras que podem bem representar um brado expontaneo da consciencia do sr. Lima!

Não terão ellas tambem applicação aos *paivantes* d'aquem e d'além fronteira?

Sobre isso é que desejavamos lêr um artiguinho do sr. doutor ..

Mas... isso sim!!

Lisboa—Encontra-se á venda o *Democrata* nos seguintes locaes: *Tabacaria Monaco*, Rocio; *Kiosque Elegante*, idem; *Tabacaria Ingleza*, Praça do Duque da Terceira, 18; *Tabacaria Godinho*, Calçada da Estrella, 25-B.; casa de *João Teixeira Frazão*, R. do Amparo, 52; casa de *Manuel Gomes Geraldo*, Calçada da Estrella, 111.

A QUESTÃO DO ASYLO

O sr. Governador Civil toma providencias devido á campanha do "Democrata,,—Suspensão da Directora e respectiva ajudante—Haja moralidade!

Não foi debalde que protestámos contra a admissão d'uma freira do supprimido convento da senhora do Pranto, d'Ilhavo, para o logar de perfeita na secção do asylo Escola do sexo feminino, facto que tanto offendeu a opinião liberal d'esta cidade, quando é certo que a entrada d'essa mulher para aquella casa representava, além de tudo, o resultado d'antigas influencias dos mais odiados *caciques* monarchicos locaes que por diversas vias souberam e poderam fazer valer ainda as suas proteções.

Orgulhamo-nos de ter levantado na imprensa esta questão, interpretando o sentimento publico e o nosso, collocando-a no seu verdadeiro campo e fazendo-nos ouvir por s. ex.ª o sr. governador civil, que conhecedor do que se passa e tem passado n'aquella casa, vai ordenar a suspensão immediata da respectiva directora e prefeita, mandando fazer um rigoroso inquérito para se averiguar das graves e pesadas responsabilidades que de ha muito pezam sobre a dirigente, no tocante, em especial, a moralidade.

E' evidente que o sr. governador civil, honesto e digno na ampla accepção da palavra, depois d'informado da desmoralisação que por ali vae, e da forma desauthorisada como está vivendo a directora do asylo, não podia por sua honra de funccionario e d'homem, desinteressar-se de tão momentoso assumpto, que conhecido ha muito por os seus antecessores, por todas as vereações, assim como o é pelo publico em geral, tem tido sempre o condão de não ser apurado e liquidado como logica e naturalmente devia ter sido já: excluindo quem não sabe manter o prestigio do seu logar, afim de restabelecer a moralidade indispensavel n'um estabelecimento d'aquella especie, com a nomeação de pessoas indiscutivelmente honestas, estabelecimento onde dezenas d'infelizes meninas vão procurar a moralisadora existencia que lhes falta cá fora.

Ora se ellas para lá vão para se aperfeiçoarem n'esse *capitulo*, então deixem-n'as seguir o seu destino, e poupem a verba importante que se dispende com a manutenção do dito estabelecimento.

Muitos dos nossos correligionarios e alguns membros da actual commissão administrativa municipal podem fornecer importantes esclarecimentos e indicações para o apuramento da verdade, assim como muitas das asyladas que, attingido o seu tempo de internato, livres de pressão e de receio, serão por certo o melhor elemento *descriptivo* do que a portas a dentro, ali se tem passado.

O que é indispensavel é metter-se tudo no são, e não continuarmos a ser o que anteriormente tem sido os outros: tacitos collaboradores de todo aquelle regabofe á baixo imperio!...

Saber-se que não appareceram concorrentes ao logar de prefeita do asylo reunindo todas as qualidades para o bom desempenho das suas funcções, porque a falta de moralidade da directora a isso obriga e não se providenciar immediatamente para o restabelecimento da seriedade e respeito devido ao fim para que funcciona, seria sem duvida, um verdadeiro crime, de que muito nobre e alevantadamente a digna auctoridade superior d'este districto, não quiz partilhar, mandando proceder ás indispensaveis averiguações, para apuramento da verdade. Honra lhe seja, e estamos convictos que a moralidade hade restabelecer-se, assim como os creditos d'aquella casa, que por ahi andam, ha muito, pelas ruas da amargura.

* * *

O *Correio de Aveiro* refere-se ao caso da admissão da freira no asylo, n'um tom chocarreiro, pretendendo defender, com uma esperteza saloia, a *santinha* do convento d'Ilhavo, porque ella cumpre o seu dever ensinando a rezar as meninas.

Pois não cumpre, não, senhor! Essas rezas estão suspensas desde que o respectivo decreto baniu o ensino religioso da escola e implicitamente das casas do genero d'aquella onde a freira d'Ilhavo, dá margem ao seu fanatismo.

Provavelmente a local do *Correio* teria sido escripta pela mesma penna que rabiscou a carta que a senhora de que tratamos dirigiu ao nosso collega da *Liberdade*!... Não queremos teimas...

Nós é que vos entendemos e muito bem.

O sr. juiz

Lá se vae o sr. Ferreira Dias e não deixa saudades, pois de todos quantos temos conhecido na presidencia do tribunal d'esta comarca, foi elle um dos que mais tem soffrido a critica acerba da opinião publica o que certamente o não deve admirar desde que tenha a consciencia dos seus actos.

Por nós podiamos dizer alguma coisa, que sabemos até que ponto o levava o seu facciosismo. Todavia deliberámos, antes, despedir-nos de s. ex.ª respeitosamente desejando-lhe muita saude e bom apetite para as azeitonas d'Elvas, que o vae ter por magistrado.

Azedo Gneco

Falleceu em Lisboa este velho propagandista das ideias socialistas, que, como orador popular, chegava a ser eloquente pela sua erudição, vastos conhecimentos e maneiras de declamar.

Contava 62 annos de idade tendo vindo uma unica vez a Aveiro nos principios da fundação do *Recreio Artistico* onde fez uma conferencia brilhante, de molde a ficar bem conhecida e assignada a sua passagem por aqui.

Que descance em paz.

EXCURSÕES

Effectuaram-se, como fôra designado, as excursões a esta cidade promovidas pela *União dos Empregados do Commercio do Porto* e crescido numero de caixeiros de Coimbra, que deram a Aveiro desusada animação, no domingo.

Os comboios especiaes chegaram á estação simultaneamente, com curto intervallo, sendo os nossos hospedes recebidas com intensas acclamações na *gare* onde se encontravam os representantes de todas as associações locaes, Banda dos Bombeiros, philarmonicas de José Estevam e Asylo Escola, e muito povo que ergueu vivas sem conta aos excursionista do Porto e Coimbra, á Patria, á Republica e ao exercito ouvindo-se tambem morras a Paiva Couceiro, conspiradores e aos thalassas, tudo no meio de grande enthusiasmo e animação.

Organisou-se um cortejo, que atravessou os ruas da cidade debaixo de uma constante chuva de flores, até á camara municipal onde pelo sr. presidente foram dadas as boas vindas em nome do concelho aos visitantes das duas terras amigas sendo proferidos por essa occasião outros discursos e entregue á camara uma mensagem da *União dos Empregados do Commercio do Porto*, lida antes pelo sr. Augusto Costa, seu presidente.

Em seguida teve logar uma sessão solemne no theatro, a visita ao *Club dos Gallitos*, onde as nossas gentis tricanas cobriram de petalas de flores os excursionistas, dando-se pouco depois a dispressão para que cada um podesse, á vontade, visitar os pontos mais dignos de admiração que Aveiro possue.

A' tarde teve logar o passeio pela ria, á Gafanha e á noite o festival no jardim ao mesmo tempo que no theatro se realisava o sarau pela *Tuna dos Empregados do Commercio* o qual agra-

dou sobremaneira pela magnifica execução do programma, variado e selecto, sendo muito ovacionada.

A' despedida ouve *marche aux flambeaux* comparecendo na *Praça da Republica* grande concurso de pessoas com duas philarmonicas, e que na estação mais uma vez saudaram os povos das cidades do Porto e Coimbra com o enthusiasmo proprio de quem se acha satisfeito e possuido das melhores impressões colhidas n'esse dia de festa, em que as tres cidades se uniram, estreitando entre si os laços de cordealidade e sympathia, porque já estavam ligadas mais ou menos.

* * *

Para o dia 16 annuncia-se nova excursão vinda do Porto promovida pelo *Centro Republicano dos Officiaes de Ourives*, a qual será presidida pelo deputado, dr. Alfredo de Magalhães.

Cá a esperamos.

O LYCEU D'AVEIRO

Um alvitre

A elevação do nosso lyceu a central é apenas uma questão de dinheiro.

A camara desinteressou-se do assumpto, n'uma das suas sessões, allegando a parte de receita. Como ella, porém, não devem proceder os verdadeiros amigos d'esta terra.

E' quasi certo que o nosso lyceu elevado a central venha a ser frequentado por mais de 100 alumnos nas 6.ª e 7.ª classes. N'este presuposto, que não deve falhar, talvez fosse possivel conseguir do governo que as propinas d'aquelles dois annos fossem elevadas a 1$500 réis, ou mais, sacrificio insignificante para os paes dos alumnos que d'outra fórma teriam de mandar seus filhos para os lyceus de Coimbra ou Porto, onde a vida é muito mais cara. Evidentemente, a importancia das propinas não chegava para cobrir a despeza que será, quando muito, de 4 contos, mas ha benemeritos bem conhecidos n'esta cidade, que se obrigam á prestação d'uma certa quantia, durante alguns annos, o que, sommando com alguma cousa que a nossa camara e as d'outros concelhos visinhos deem, constituirá a receita bastante para custear aquella despeza. A coadjuvação individual tinha o caracter de provisoria, mas, emquanto durasse, poderiam melhorar as condições financeiras da camara e do estado e depois se providenciaria. Haja uma commissão que enverêde por este caminho que, quanto a nós, deve começar pelo seguinte:

1.º Dirigir-se ás pessoas interessadas com a elevação a central do nosso lyceu e a outros benemeritos da cidade e de fóra e saber com quanto concorrem e durante quantos annos, obrigando-se por escripto.

2.º Saber da nossa camara e das visinhas interessadas o minimo com quanto poderão concorrer. Todas farão o sacrificio de uma verba pequena.

3.º Repartir o que falta por 100 ou 120 alumnos da 6.ª e 7.ª classes, que ficará a cargo dos paes e que pagarão como propina.

Eis o nosso alvitre que talvez seja viavel, desde o momento que haja boa vontade. E' um desaire para esta cidade o ficarmos de braços cruzados e muito maior ainda, se nos lembrarmos de que ha em Portugal só dois lyceus nacionaes, em cujo numero entra o d'Aveiro!

S.

A todos os nossos assignantes rogamos o favor de nos avisarem sempre que mudem de residencia e bem assim de fazerem acompanhar todas as suas reclamações do n.º da cinta do jornal.

CONFERENCIAS POPULARES

A EDUCAÇÃO CIVICA E MORAL DO POVO

Extracto d'uma conferencia realisada no Theatro Bejense, em 4 de Junho, pelo sr. padre Manoel Ançã, natural da villa d'Ilhavo

Meus senhores

No homem de coração e d'intelligencia existe sempre intenso e vibrante o sentimento dos deveres civicos e moraes. Sempre. Li ha pouco a *Ilha Mysteriosa* do talentoso e fecundo romancista francez Julio Verne.

Que deleite, que magia, que ella me suscitou! E' uma obra empolgante, sugestiva, commovente, grandiosa, arrojada como um vôo d'aguia altaneira—obra que a concepção imaginosa do seu espirito potentissimo brilhantemente christalisou!

Segundo conta Julio Verne, a essa ilha singular, que elle representa perdida e deserta, no meio do oceano pacifico, foram um dia arrojados na aza da tormenta, presos a um fragil balão, alguns homens civilisados e instruidos.

Descreve que ahi um genio bemfazejo e tutelar segue-os por toda a parte, invisivelmente.

Revela que esse genio era o capitão *Nemo*, o heroe d'outro notavel romance verneano, intitulado *Vinte mil leguas submarinas*, muito instruido nas sciencias e incomparavel na applicação da electricidade.

Diz que esse grande homem, o qual viveu divorciado de todo o convivio social, em seu submarino —o *Nautilus*,—com outros amigos e com patriotas, já fallecidos, percorrendo n'elle todas as regiões liquidas navegaveis, em viagens oceanographicas, ora á superficie das ondas, ora pelo fundo dos mares, chamou os naufragos ao seu navio, na vespera da sua morte, onde só então se deu a conhecer e lhes ditou a sua ultima vontade. Por sua parte, esses habitantes, e já colonos da ilha, que a toda a hora volviam os olhos do espirito para os horisontes longiquos do seu paiz natal, manifestaram ao capitão *Nemo* o desejo, que possuiam, de presentear com ella a patria, pela qual suspiravam. E esse homem prodigioso, que se refugiou no seio das ondas, com todas as suas lagrimas e lancinantes dôres, depois de ver perseguidas e perdidas a familia e a independencia nacional, pelas quaes se bateu valorosamente, descerra os labios e diz-lhes: *Pensaes na patria, senhores: trabalhaes pela prosperidade d'ella, pela sua gloria. E tendes razão. A' patria devemos sempre voltar. Na patria é que devemos morrer. E eu morro tão longe de tudo quanto amei!*

Nobilissimas palavras estas, postas na bocca d'esse phantastico personagem, que, odiando profundamente um povo—o povo inglez, ao qual devia todas as suas feridas d'alma, teve animo de louvar os naufragos pela sua dedicação á patria, e de enviar ainda, na hora da sua agonia, o ultimo lampejo do pensamento á terra-mãe, onde nasceu, e á familia, cuja memoria adorava, ambas perdidas e confundidas nas regiões maravilhosas da India! Vêde, senhores, que o individuo educado obedece aos mais caros sentimentos universaes, gravados no seu coração. O desgraçado, que apagar em si os affectos intimos, que o enobrecem, deixa de ser um ente respeitavel, para se transformar n'um sarcasmo palpitante, mascarado com a figura d'homem, por uma anomalia da natureza.

Convençamo-nos todos, para sempre, de que o cidadão, o verdadeiro cidadão, de qualquer paiz mundial, é o homem que dotado d'intelligencia, vontade e liberdade, possue consciencia perfeita dos seus direitos e honestamente cumpre os seus deveres.

Quanto ao nosso paiz, todo o portuguez, como molecula do organismo nacional, tem deveres que lhe são impostos pela justiça, pela razão, pelo direito, pela moral, e até pelo senso intimo. Todos elles formam um conjuncto formosissimo, que abrange:

a) *o culto da Patria;*
b) *o acatamento da Republica;*
c) *a dedicação á sociedade;*
d) *o amor á familia;*
e) *o respeito pessoal, ou de si proprio.*

Ora vejamos em sinthese. Todo o cidadão deve ter o culto da patria... Mas o que é a patria? Que palavra é esta, que tanto nos alvoroça e fascina, quando ella docemente nos acode aos labios, e a santa imagem, que representa, se nos retrata no pensamento?

Vós o sabeis, meus senhores.

A patria é o solo abençoado, onde nossa terna mãe nos gerou e nos deu á luz. E' a terra que nos serviu de berço; que recebeu o primeiro vagido; que recolheu as nossas primeiras lagrimas; que enthesourou as nossas innocentes alegrias:—terra sagrada de nossos paes, onde se levanta ainda tão aprazivel e tão saudoso o immaculado santuario do nosso lar!

A patria é a casa onde nascemos: onde tentámos os primeiros passos; onde balbuciámos as primeiras palavras; onde nossa mãe nos ergueu as mãos e nos ensinou a dirigir ao ceu as nossas primeiras orações.

A patria é o leito aconchegado e tépido, onde dormimos o nosso primeiro somno; onde nossa mãe e avós nos embalaram ao som de cantos maviosos; onde se desenharam os nossos primeiros sonhos de creança, e onde ouvimos embevecidos os contos maravilhosos de moiros e de fadas encantadas.

A patria é o solo bemdicto onde corremos como mariposas de flôr em flôr;—o solo, a cujos arvores trepavamos para roubar os ovos aos ninhos, os ninhos ás aves e as aves ainda implumes ás providas caricias dos timidos e suspirosos paes.

A patria é a fonte onde bebemos as suas cristalinas aguas; o rio onde banhamos nossos corpos, languidos pelo calor do estio; o campo onde colhemos e desfolhámos boninas; a courela, o ferregial, a herdade, onde o trabalhador agricola semeia as esperanços searas, e onde o arado sulca a terra, dirigido por suas calosas mãos.

A patria são os casaes brancos como estrellas, dispersos por nossos campos; a poesia encantadora de nossos logares, as casas humildes, mas asseadas, de nossas aldeias; a morna pacatez de nossas villas; a agitação e a vida de nossas cidades.

A patria são as nossas serras contornadas; as nossas montanhas pitorescas; os nossos outeiros graciosos; as nossas collinas verdejantes; as nossas mattas silenciosas; as nossas paisagens esplendidas.

A patria são os nossos irmãos muito queridos, os nossos amigos tão caros; os nossos parentes amorosos; as nossas mulheres tão meigas e dedicadas; os nossos affectos mais intimos;... são o nosso ceu, o nosso espaço tão cheios de extasis, de louçanias, de seducções, de luz e de bonança.

A patria é todo este valle rico e lindo, que a natureza nos deu, —valle, não sei se de lagrimas, se de alegrias, ou seja composto de todo esse mixto embriagante da vida, — mas valle onde nos acordam na alma as dulcissimas notas da muzica dos primeiros amores, e onde esvoaçaram por sobre nossas cabeças as primeiras illusões da mocidade!

A patria é a escola, onde soletramos as primeiras letras; o templo onde commungamos a hostia branca de nossos sacrarios; a cruz de nossos presbiterios, a qual nos recorda a crença poetica de nossos antepassados; o cemiterio triste com seus mausoleus e cyprestes, á sombra dos quaes jazem todos os nossos affectos desfolhados, todos os entes queridos que amámos na vida, e que veneramos ainda além da morte!

A patria! Ai, que recordações, que lembranças, que commoventes, ora jubilosas me acodem em turbilhão ao pensamento!

A patria é o livro aberto de toda a nossa vida,—uma vida inteira de sacrificios e abnegação contida em sua historia,—a historia épica e ciclopica do valoroso povo portuguez.

A patria!... Póde a terra estrangeira receber-nos carinhosamente em seu generoso seio; pódem extasiar-nos os seus cambiantes mais formosos; mergulhar-nos em prazer a frescura de seus campos; enlear-nos a magia de suas cidades; attrahir-nos a grandeza de seus monumentos, as obras primas de seus artistas, a graça de suas mulheres, a profusão frondente de seus jardins, os tons vivamente suaves de luz, a transparencia de seu firmamento, as harmonias de sua muzica; mas... a nossa alma suspira, suspira sempre pela terra-mãe, e para esta volvemos sem cessar o nostalgico pensamento.

E' que a terra estrangeira não tem para nós os encantos do nosso torrão natal, nem a lingua de outro povo tem para nós a magia e a muzica da sonorosa lingua de Camões!

Nós sentimos que aqui é mais perfumado o ambiente; mais poeticas e suspirosas as brisas; mais doces os canticos das raparigas; mais lindos os arreboes; mais deslumbrantes as auroras, mais deliciosas as manhãs; mais amenas as tardes; mais melancolicos os poentes; mais feiticeiras as noites.

Nós,—portuguezes,—temos o nosso *habitat* no mais lindo paraizo da terra!

O mar d'esmeralda que banha as nossas praias; e os ceus de safira que parecem arquear-se lá em cima, para nos servir de docel; e os vinhedos das nossas encostas; e os laranjaes verdejantes de nossos pomares; e as quintas deliciosas de nossas varzeas e planices uberrimas, e a vegetação exuberante que nos cerca,—tudo isto é carissimo, tudo nos falla á alma, como as melodias das aves e as baladas sentidas dos melodiosos e patrios rouxinoes.

Além d'isso, n'este jardim de amores e de princezas encantadas, jardim talhado pela espada dos vencedores d'Ourique e ampliado pelos grandes capitães, que devassaram os mysterios do mar, existe viva e perfumada a memoria de nossos poetas e prosadores, a gloria immortal dos nossos soldados e guerreiros, dos nossos santos e dos nossos martyres, que inspiraram sempre as obras de sua penna, de seu coração ou do seu braço, no amor a esta terra que lhe serviu de berço e que aos mais ditosos lhes deu o seio por tumulo.

Depois, para coroar tudo isto, é bom redizer que a patria, resumindo, como resume, as nossas mais caras esperanças, e os affectos mais nobres do nosso coração, não póde ser jámais esquecida em qualquer ponto do globo, onde porventura se encontrar um filho seu. Lá, avivam a sua imagem linda todas as scenas de familia, com as suas alegrias e as suas tristezas mais intimas, que encerram para esse filho ausente saudosas ou commoventes recordações do passado. Lá, avivam-na enternecidamente as festas do lar domestico, presididas por nossos paes, que se sentem mil vezes ditosos, agrupando ao redor de si os filhos—os filhos dilectos que contemplam com veneração os seus cabellos encanecidos.

Ah! tudo, tudo,—desde os brinquedos de creanças ás quimeras da mocidade; desde o scenario grandioso dos campos á magestade empolgante do oceano; desde as festas intimas de familia, ás consagrações nacionaes das datas gloriosas da nossa historia, ou do nome notavel d'algum portuguez illustre,—tudo, tudo desperta em nós encanto e amor, tudo, tudo engrandece e divinisa o idolo de nosso coração, de nossos pensamentos e de nossos sonhos—a patria, a immortal patria portugueza!

Agora julgae, senhores: sendo evidentemente a patria, este rincão de bellezas tão suggestivas e de tradicções tão brilhantes, um organismo vivo, dotado de sensibilidade, que tem epochas de ventura e crises de soffrimento, quem não ha-de adoral-a e sentir com ella as suas dores e alegrias?

Qual o portuguez, digno d'esse titulo, que não sinta avigorar-se-lhe a coragem para cumprir um dos mais puros deveres d'honra, em sacrificio do bom nome d'este paiz, morrendo, sendo preciso, pela sua independencia, quando alguem ousar ou quizer offender ou escravisar?...

Pois bem. Cheguei onde queria que chegassem a minha imaginação e a minha alma. Eu não pretendi electrisar os vossos enthusiasmos, descrevendo com exaltação a imagem radiante da patria: quiz apenas mostrar n'um esforço, ou pintura rapida, que ella é digna de todos nós.

Agora, lembremo-nos que é de nossa obrigação tornarmo-nos dignos d'ella. De que modo? Amando-a e respeitando-a... Sim. Mas cumpre-nos tambem a todos dominar a vontade para o bem; educar o espirito dos preceitos do dever; alimentar pensamentos generosos; acalentar sentimentos nobres; praticar, emfim, acções civicas e moraes de tal natureza perfeitas, que rivalisem com virtude e honrem a patria onde nascemos.

Todo o cidadão devet er o culto da patria, isto é: possuir por ella esse affectuoso sentimento, que inspirou as mais dignas acções e os maiores rasgos d'heroismo registados em nossa historia; lançar mão das armas e defendel-a até dar por ella a propria vida, se necessario fôr, quando a sua independencia ou integridade correrem perigo; pagar-lhe esse tributo de sangue, o chamado vulgarmente serviço militar; satisfazer as contribuições lançadas pelo estado, para as despezas da nação; cumprir todas as leis pramulgadas pelo Governo da Republica; interferir nos negocios publicos, ajudando a promover a sua prosperidade; concorrer á urna e exercer livremente a funcção de eleitor, offerecendo o voto ao candidato de maior intelligencia, illustração, probidade, iniciativa; servir todos os cargos da parochia, do municipio ou do Estado, para que seja eleito ou nomeado, tornando-se solidario na boa administração e felicidade publicas, contribuir para a educação popular nas virtudes civicas e moraes, quer por meio do exemplo, quer por meio do ensino; e auxiliar a instrucção, que é a fonte de todo o progresso, a bem da grande familia portugueza, a que temos a honra e a ventura de pertencer.

Mais nada: O cidadão deve homenagem de respeito ao hymno nacional, que ouvirá de pé e descoberto; assim como deve, com egual homenagem, descobrir-se perante a bandeira da patria,—symbolo da sua autonomia,—não só quando ella acompanha a força publica, mas ainda quando fluctua no espaço em dias de gala ou de luto, a que o paiz se associe. Insultar ou consentir que se insulte esse emblema sagrado da soberania nacional, é um crime de lesanacionalidade, uma cobardia ignominiosa, uma attestação evidentissima de caracter degenerado.

A todo o cidadão compete, pois, amal-a e respeital-a e defendel-a, como se fôra a arca santa de nossos destinos politicos, inviolavel na paz e na guerra, a exemplo d'aquelle honrado portuguez —Duarte d'Almeida, que na batalha de Toro se deixou martyrisar por ella.

(Continua no proximo numero).

CONVENTO DE JESUS

A proposito das considerações que aqui fizemos sobre a installação do Asylo Escola n'este antigo recolhimento de freiras transformado, nos ultimos tempos, em collegio de meninas, recebemos do sr. Jeremias Lebre a seguinte carta:

Cidadão Redactor:

Se em alguma consideração tiverdes a muinha humilde pessoa, espero que dareis publicidade a esta carta na qual pretendo responder ao artigo *Vida Militar* inserto no ultimo numero do vosso *Democrata* e bem assim áquella pequena local *Caso bicudo* que, com franqueza, não parece producto do auctor do artigo.

E' verdade que, no comicio, defendi a installação do regimento no edificio do asylo e hoje devo dizer mais que, se da sua acommodação n'esta casa depende a sua vinda para Aveiro, bem vindo seja o regimento e quanto mais cedo melhor.

Quando comecei a advogar a causa do asylo, já sabia que me seria arremessada a historia dos interesses pessoaes; quanto a esses devo dizer que melhorarei bastante, se a mudança se fizer, pois o convento tem uma cerca de recreio muito rasoavel e tantos compartimentos que, pela minha parte, deveria ficar melhor installado que no asylo, onde tenha apenas um quarto e uma pequena saleta em que guardo os meus poucos haveres.

Que eu não tinha nada com as finanças asylares?! Isso e verdade; mas tantos censores que enchameiam a nossa terra, teem mais do que eu?

Que não tinha ainda conhecimento nenhum do convento, principalmente do rez do chão onde ficam a cosinha e outras dependencias, isso deixei eu bem explicado na minha primeira carta.

A que virá, pois, a minha *volubilidade mysteriosa*, se é verdade que só entrei n'esta questão depois de ter conhecimento proprio do convento e se é verdade tambem que o vosso jornal em nada vem destruir o que eu escrevi e tem apenas por fim fazer-me calar, quando eu já declarei não ter tempo para me occupar mais do assumpto, nem competencia, e *nem*, mesmo, *tenho nada com isso?*

A bem pouco se resume esta questão.

Que vantagens resultam da transferencia do asylo? Ha no convento casa de banhos para os asylados, retretes com autoclismo, illuminação a gaz, encanamentos d'agua para os diversos compartimentos, algum systema d'esgotos digno d'esse nome? Ha no convento acomodações que tão bem se adaptem e esta instituição como as do proprio edificio?

Não ha. E tanto assim é, que ninguem poderia contestal-o.

Entendeis, talvez, que o regimento fica melhor no asylo? Mas, se ao regimento convem uma casa bastante espaçosa, o convento é muito maior que o asylo. O ex.mo sr. dr. Joaquim de Mello Freitas póde bem informar-vos.

Os pequenos se mudarem, não podem ir melhor.

Ficariam, então melhor do que estão?

No convento poder-se-ia installar já a secção feminina do asylo.

Seria muito para louvar que tal se fizesse e que, depois de concluir o edificio que lhe é destinado, fosse n'elle installada. Far-se-ia assim uma grande economia e, só para uma secção, principalmente essa, chega muito bem a parte do convento que não querem destinar ao museu.

Tambem se poderia installar ahi a Escola Industrial, era outra vantagem.

Mas que tenho eu com isso?

Dir-me-eis para a outra vez: então já não periga a educação com os santos e os altares?

Não periga, não, senhor, porque são obrigados a retirar todos esses ornamentos, visto o Estado haver cedido á camara sómente o edificio.

E, demais, o ex.mo ministro da Justiça, que decretou o ensino laico na escola primaria, que vos responda.

Agradecendo a fineza da publicação, confessa-se muito reconhecido o vosso

Amigo, e etc.

Aveiro, 1-VII-911.

Jeremias Lebre.

De ha muito que Aveiro vem sendo prejudicado pelas desencontradas opiniões dos seus habitantes sobre um ou outro melhoramento. Perdeu o ramal que a companhia dos caminhos de ferro pretendeu construir por não haver accôrdo sobre o local da sua construcção. Perdeu a avenida da Estação pelos variados projectos que cada um defendia a seu sabor, e ficaremos sem cavallaria 8 se continuarmos a pôr entraves á escolha do aquartelamento para infanteria 24.

Por isso é que fizémos no passado numero d'este jornal os nossos reparos, sem intenção de ferir pessoa alguma e ainda porque entendemos que desde que a cidade escolheu uma commissão para tratar do assumpto, a mais ninguem compete espandir opiniões como as do sr. Jeremias Lebre, que longe de illucidarem parecer ter em vista coagir os membros da mesma commissão, e até outras entidades da terra a intervirem no caso com uma certa e determinada orientação.

Eis as explicações que a nossa lealdade entende dever dar ao auctor da carta que publicamos.

De resto, este senhor continua sustentando a sua opinião que chama desinteressada, e que nós sinceramente acreditamos, mas que não altera nem modifica a nossa: de que os asylados ficariam melhor ainda installados no Convento, onde por largos annos viveram *commodamente*, centenas de creanças, n'um conforto que talvez não possuam agora os asylados com a sua casa de banhos, as suas retretes com autoclismo, a sua illuminação a gaz, etc.; e mais ainda, é opinião nossa, que o regimento occupando o convento, inutilisaria quasi por completo o edificio, não fallando já nas dispendiosas obras que uma tal adaptação acarretaria para o Estado, ao passo que, internando-se ali os asylados, evitavam-se despezas de maior monta, ficando ainda no edificio espaço sufficiente para a Escola Industrial ou qualquer outra repartição, do que resulta uma economia apreciavel para o Estado, que é, afinal, quem paga tudo isto.

A LEI DE SEPARAÇÃO

Parece não ter causado attritos em parte alguma do paiz a lei de separação da Egreja do Estado que no dia 1.º d'este mez começou a ser observada com todo o rigor.

Antes assim.

Nem aos parochos nem aos bispos ficava bem insurgirem-se contra uma lei, que sendo de molde a estabelecer a liberdade de cultos, a todos concede direitos e regalias que até agora não gosavam, incluindo o de protecção ao clero que comprehende e executa honradamente a sua missão religiosa e que por isso mesmo não podia nem devia desacata-la por principio ne-

nhum. A attitude dos padres, n'este particular, foi correcta. Só os dignifica, se bem que não tivessem feito mais do que a sua obrigação cumprindo as leis do paiz.

Por parte do governo e com data de 30 de junho foram enviadas a todos os administradores dos concelhos, as seguintes instrucções, cuja publicação no *Democrata* nos é pedida, em officio, pelo sr. Beja da Silva:

Assim como as nossas leis teem sempre punido severamente o facultativo que, mesmo não sendo funccionario publico, recusou em caso urgente o auxilio da sua profissão (artigo 250.º do Codigo Penal), assim tambem punem e ainda com mais rigor (artigo 139.º do mesmo Codigo), o ministro da religião que recusar a administração dos sacramentos ou a prestação de qualquer acto do seu ministerio. De facto, esta obrigação do clero não desappareceu com a separação do Estado da Egreja, antes se tornou mais instante sob o regimen da liberdade da consciencia e dos cultos, que ao Estado cumpre assegurar, obstando a que, n'um proposito de revolta contra as leis do paiz, os ministros da religião offendam o sentimento dos proprios fieis, incitando-os perfidamente a alterar a ordem publica.

N'estas circumstancias, recommendo vivamente a v. ex.ª que, nas localidades d'esse concelho, onde o povo solicitar do parocho qualquer acto do seu ministerio, incluindo a missa conventual, v. ex.ª o persuada e, sendo preciso, o intime a prestal-o, sob pena de desobediencia e das demais responsabilidades que no caso couberem.

Queira v. ex.ª dar toda a publicidade a esta communicação.

Secretaria do ministerio da justiça, em 30 de junho de 1911.—O ministro da justiça, *Bernardino Machado.*

NOTAS DA CARTEIRA

Partiu para as thermas de Caldellas, o sr. Armando da Silva Pereira.

== Estiveram em Aveiro os nossos amigos e correligionarios, drs. Eduardo Moura e Diniz Severo, d'Eixo; Manuel Sineiro de Miranda, do Bóco; Manuel José Marques de Miranda, do Souto da Branca e Manuel Marques de Mello, da Povoa de Vallade.

== Acha-se já convalescente da enfermidade de que foi acommettido, o digno capitão do porto d'Aveiro, sr. Julio Ribeiro d'Almeida.

== Visitou-nos o sr. Guilherme Pereiro da Silva, da Oliveirinha, que depois de ter estado ausente por algum tempo no Pará ali se encontra em companhia dos seus.

Agradecemos.

Ultima hora

Em resposta ao telegramma enviado ao sr. ministro da guerra depois da manifestação hontem realisada pelo elemento militar em frente ao governo civil, o sr. dr. Rodrigo Rodrigues recebeu de Lisboa ha poucas horas o seguinte despacho:

Governador Civil—Aveiro

Com todo o agrado e enthusiasmo recebeu o ministro da guerra o telegramma de v. ex.ª em que lhe é participada a calorosa e vibrante manifestação feita em honra da Republica pela guarnição militar d'Aveiro. Tal manifestação não causou surpreza, pois, o ministro da guerra sabe bem o patriotismo, valentia e lealdade que caracterisam o commandante militar e toda a guarnição d'Aveiro junto da qual pede a v. ex.ª seja interprete do seu agradecimento e saudações.

O Chefe do gabinete,
Sá Cardoso, major.

CORRESPONDENCIAS

Albergaria-a-Velha, 5

Mal diriamos nós, quando rabiscamos a nossa ante-penultima correspondencia, que ella fosse estomagar ou ferir, de leve, as susceptibilidades do nosso amigo *Manara de Cuzelhas*, cuja irritabilidade de sensitiva e ar sobranceiro de espirito *invulgar* sempre temos apreciado, se bem que isso seja objecto da especial embirração e do debique de muito boa gente. Na verdade, ao nosso olhar pisco e perscrutador, não tem passado despercebido como um homem de tão *elevado* merito e um tão *alto* espirito, com o verniz superficial de tanta lettra e treta e a sobrecarga da convivencia nos grandes centros, veio acantonar-se n'uma aldeia, n'um valle, atamancado a vida obscura de um escriba, por favor, livre da concorrencia de qualquer carpinteiro ou marceneiro que saiba escrever, e sem a coragem dos que, na lucta pela vida, seguem, de cara levantada, comendo o pão que não devem á piedosa complacencia dos amigos. E' caso para dizer-lhe, desculpe-nos a rudeza, que desandou de vinha para p'ra bacello ou de cavallo p'ra burro.

Mas, revertendo ao ponto, piscando os olhos e cofiando a nossa *pêra hirsuta*, nunca suppuzemos que a nossa chronica provocasse o torvo sobrecenho de sua ex.ª a ponto de, do alto da sua chumaçada embofia, desfechar contra nós, no lugar mais escancarado do *Jornal d'Albergaria*, os seguintes dizeres que, pela superabundancia, nos lembram a tabolêta, alli, do amigo A. Pereira—

Prosa alheia—resposta ao correspondente de Albergaria, no Democrata—Apresentação.

Ha de desculpar-nos que mais uma vez, sem o donaire que é monopolio de sua ex.ª, com a rude franqueza de um *marceneiro*, ousemos a indiscripção de lhe dizer que ha n'aquelle desperdicio de palavras, um *tic* até da sua natural *distincção* e esquipatica modalidade de *intellectual*, mas pendendo sempre para aquelle estylo de cavallo de carruagem, incorregivelmente pretencioso, e ao mesmo tempo massudo como essas duas fartas e alambasadas regueifas, ao fundo das suas costas, e que com as demais rotundidades e concomitante empertigamento sobre os pés topinhos, nos dão a ideia exacta d'um paliteiro de barro da hospedaria do Gambias!

Na verdade a tabolêta mette mêdo ao mais corajoso, parece um patibulo erguido para offerecer á incontinencia de um publico deshumano o triste espectaculo de um condemnado á pena ultima, sem comiseração, alli mesmo em publico e raso. E para que ninguem ignorasse a identidade do gato com o rabo de fóra, assoalha, o maldicto, que temos os olhos piscos e falla-nos, o perverso, do estafermo da pêra hirsuta a que, muito em breve, por infelicidade nossa, teremos de dar uma infusão de permanganato, porque, dia a dia, nos vae ficando mais branca. Cruel, trez vezes cruel, que nem respeito tem pelas alheias desgraças, por estas miserias sem atilho! E não satisfeito com estas certeiras e amofinantes *baldas*, faz-nos a honra de nos conceder algum geito para *marceneiro* que o pateta não distingue de entalhador, como se um vislumbre de habilidade, ou elle se manifeste no campo das sciencias, ou no dominio das artes, não fôsse um motivo de desvanecimento e orgulho para aquelle que a possue e aproveita.

No auge ainda do seu desrespeito pela nossa pessoa, diz o sr. Manara que afocinhamos á meza do orçamento, gravame que infelizmente é verdade, porque não temos outros recursos, mas onde se come por conta, pezo e medida, para contrastar com algum alentado cevado que, sem curso nem concurso, mette a tromba até ás orelhas no gamellão da companhia sem o cofinho do orçamento.

Mas para poupar papel que o sr. Manara tem em barda e de borla e nós compramos e para encurtarmos razões levantemos o derradeiro insulto que nos joga aquelle empedernido coração, quando se atreve a dizer-nos que nós *verrumamos a consciencia dos cidadãos.* Passa-nos, assim, sem a experiencia da nossa competencia no assumpto, um diploma de *official de verruma*, no que mercê de Santo Hylario e S. Domingos temos sido um regular mechanico, officio que iremos desempenhando sem fazermos greve e emquanto tivermos vida e saude e nos ajudar a ferramenta. E, por agora, fiquemos por aqui a respeito do sr. Manara, thalassa emerito e aspirante em sêcco, *mal encoberto sob o veu do anonymato*, para nos servir das suas palavras, a nosso respeito, mas que nós, apezar dos olhos piscos, bem lobrigamos pela regra de que pelos domingos se tiram os dias santos.

Devido á iniciativa do dr. Jayme Ferreira, presidente da camara, vamos ter na nossa villa um centro republicano. A commissão encarregada reune no proximo dia 9, para tratar, além doutros assumptos, da inscripção dos socios.

Oxalá que tão prestimosa instituição prospere para que Albergaria não fique atraz d'outros concelhos sertanejos. Ha por aqui thalassa que fugirá do futuro gremio como o diabo da cruz mas isso não é motivo para desanimar ninguem. Pr'á frente é o caminho.

Entre o presidente da nossa camara e o de Estarreja tem havido troca de palavras azedas sobre a questa de Fermelã. Cada um espeta a unha que tem, e a unha aqui favorece-nos, que é o grande argumento da commodidade dos povos. Fermelã limita com a freguezia d'Albergaria e portanto deve pertencer ao nosso concelho e comarca.

Consta que vae organisar-se aqui um batalhão voluntario. No momento presente achamos inutil discutir o alto alcance de tão acertada medida para o nosso concelho. Ha necessidade de fazer entrar muita gente na ordem que, fallando ou escrevendo, ataca systematicamente a republica. Consta mais que com o fim de organisar os batalhões voluntarios o ministerio da guerra cedeu já 4:000 armas para todo o districo.

Corre como certo que em Aveiro, na ultima 4.ª feira, foram presos 8 individuos como inimigos da Republica. Entre elles figuram typos em evidencia na advogacia e no commercio. E dizem que não fica só por alli.

C.

Cacia, 5

Esteve em Sarrazolla com curta demora, o sr. dr. Antonio Maria Marques da Costa, deputado ás Constituintes.

== Entre as pessoas que nos teem visitado ha quinze dias para cá, contam-se os srs. Luiz e José Affonso Lopes, Manuel Nogueira e José Rodrigues da Silva, residentes em Coimbra, Agostinho Simões Ramos, estabelecido em Luzo e Manuel Marques Pereira, em Cantanhede.

== Consorciaram-se mutua e respectivamente, os srs. Manuel Martha e Domingos José Lopes com as sr.ªs Maria Pereira Felix e Luiza Estevam, esta do logar da Quintã.

Muitas venturas.

== Seguiu para o Pará o sr. Antonio Lourenço e para Ovar, o sr. Manuel Simões Dias Quintaneiro.

O primeiro deve ter chegado já ao seu destino caso a viagem tivesse sido feliz, como presumimos.

== Foi aqui recebida com geral agrado pelos republicanos locaes, a noticia de se ter creado em Aveiro, um batalhão de voluntarios para defeza da Patria, correndo, não sabemos com que fundamento, que breve visitará taes freguezia.

== Tem sido commentada desfavoravelmente para o seu auctor, uma correspondencia enviada de Cacia inserta n'um jornal d'essa cidade, ácerca d'um conflicto havido entre o nosso correligionario, sr. dr. André dos Reis e outro advogado, assaz conhecido pela sua esperteza e mais atributos.

== Encontra-se na sua casa de Sarrazolla, desde a semana passada, vindo de Lisboa, o sr. Antonio Ildefonso da Silva, a quem cumprimentamos.

== Os reservistas d'esta freguezia chamados ao serviço foram-se apresentar notando-se n'elles uma cara bem differente do que n'outros tempos mostravam.

== Teem passado esta semana para o norte bastantes comboios de tropas e outros só de munições pelo que n'esta pacata terra quasi se não falla n'outra coisa.

Os soldados, das carruagens, saudam com bandeiras nacionaes a gente do campo a que esta corresponde acenando com os lenços e chapéus.

Os jornaes que para aqui vêem são lidos com sofreguidão procurando todos de preferencia as noticias sobre o que se passa com respeito á conspiração monarchica.

C.

Sardouro de Castello de Paiva, 4

Mal se póde escrever com o calôr que ha ultima hora nos surprehende; mas havendo bôa vontade, arrosta-se com todas as difficuldades.

Esta rica, mas humilde freguezia, não tem novidades de merecimento que valham a attenção dos leitores do *Democrata*, embora seja uma das primeiras do concelho. E porque não tem?...

Porque este bom povo, só cuida em trabalhar e vae á missa aos domingos, com paciencia para suportar o sermão do seu derriado parocho.

Derriado, porque deu uma quéda e não caminha sem o auxilio das muletas, o que lamento quanto, mais n'esta occasião, que os padres vão deixar o estorvilho das batinas e principiar a gosar a fresca.

Muito juisinho e completo restabelecimento, é o que do coração lhe desejo.

== Sei ter havido denuncia contra um sujeito d'este concelho, por diffamar e conspirar contra as instituições. Já foram intimadas testemunhas que depuseram e desvendaram bem os fatos, chegando até a dizer-se havere uma casa ameaçada de ir pelos ares, assim como alludiram a ter correspondencia manhosa e ainda mais não sei o quê.

Tambem se diz, que isso fica impunivel, por causa da pomada receitada na occasião opportuna. A auctoridade competente não me deve esse conceito. Um crime de lesa-Patria nunca o... sete côres o conseguirá abafar.

Na proxima semana volto ao assumpto mais bem informado. Até lá.

C.